

GÊNERO E BRINQUEDOS, UMA RELAÇÃO POSSÍVEL E REAL

Fauve Huback

Centro Universitário Geraldo Di Biase
fouvehuback@gmail.com

Resumo

O presente trabalho discorre sobre a questão de gênero e sua influência na construção da identidade da criança através dos brinquedos e brincadeiras, sendo de extrema relevância a fim de discutir um tema que tradicionalmente é silenciado. O artigo tem como objetivo apresentar uma discussão sobre o tema, iniciando-se com uma discussão sobre gênero e seus conceitos e depois descrevendo como o universo infantil pode ser influenciado pela ideia de consumo e poder causada pelos brinquedos. Foi feita uma pesquisa teórica e a expectativa é comprovar a hipótese de que de fato as brincadeiras e os brinquedos exercem influência nos padrões de gênero.

Palavras-Chave: Gênero. Brinquedos. Infância.

Introdução

Não acredito que existam qualidades, valores, modos de vida especificamente femininos: seria admitir a existência de uma natureza feminina, quer dizer, aderir a um mito inventado pelos homens na sua condição de oprimidas. Não se trata para a mulher de se afirmar como mulher, mas de tornarem-se seres humanos na sua integridade. (BEAUVOIR, 1997, p. 361)

Partindo dessa citação de Simone de Beauvoir retirada do livro “O segundo sexo”, este trabalho vem descrever sobre a necessidade da discussão de gênero na sociedade contemporânea a qual o machismo e o patriarcado ainda imperam.

Esse artigo se justifica pela necessidade da desconstrução de paradigmas e preconceitos sobre a questão de gênero e como isso influencia o universo infantil, principalmente através dos brinquedos e brincadeiras.

A primeira e a segunda infância são fases cruciais no desenvolvimento e na construção da personalidade e da identidade do indivíduo, nelas que deveriam ser trabalhadas a desconstrução de padrões, só que infelizmente são nelas que são alimentadas, incentivadas e transferidas atitudes e comportamentos e atitudes presentes nos adultos, criando assim, crianças impregnadas de estereótipos padronizados e preconceitos e através dos brinquedos e brincadeiras, esses padrões se definem como normais.

O presente trabalho tem como objetivo discutir a questão de gênero, com foco na influencia de brinquedos e brincadeiras, com destaque para o papel da criação da boneca 'Barbie'.

O trabalho inicia-se com uma breve introdução, seguida de uma discussão conceitual sobre gênero, em que é relatado como essa temática é debatida desde os tempos antigos, logo em seguida, vemos como os brinquedos e brincadeiras influenciam ou não na construção da identidade e por último, como a Barbie transmite cultura e dita padrões de moda e comportamento em crianças do mundo inteiro.

Gênero e sua construção: entendendo padrões e preconceitos

Desde os tempos antigos várias sociedades são divididas entre masculino e feminino, tudo é rotulado: roupas, cores, profissões, esportes, objetos, brinquedos, brincadeiras, etc. E não é novidade nos tempos modernos, que desde a época das cavernas não há somente essa divisão, há também hierarquização, ou seja, homem é detentor do poder, tudo o que é dito masculino tem mais valor, é mais enaltecido. Mas isso é algo naturalizado como se a mulher sempre teve menos valor até quando realiza atividades incapazes de serem realizadas por um homem, como por exemplo, gerar uma vida. Ela é vista apenas como reprodutora, como criadora, quem exerceu o papel mais importante foi o homem. A humanidade é masculina, segundo Simone de Beauvoir (2009, p16) “o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele, ela não é considerada um ser autônomo”.

Essas distinções de gênero acarretam uma série de padrões e preconceitos que lentamente vem sendo discutidos e desconstruídos. Mas afinal, o que é gênero?

Essa é uma palavra muito usada nos dias atuais, termos como “igualdade de gênero”, “ideologia de gênero”, vem sendo muito falados. Joan Scott (1989), em seu artigo *Gênero? Uma categoria útil para análise histórica* entende gênero como “uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos”, ou seja, o gênero é construído a partir das relações sociais com pessoas do mesmo sexo e/ou do sexo oposto, relações e fatos históricos, não se podem desconsiderar o determinismo biológico e a própria identidade e subjetividade do indivíduo, essa série de fatores determinam a identidade de gênero.

O rótulo da sociedade gerou padrões de gênero, o que resulta em inúmeros preconceitos. Mulheres e homens, esses que não compartilham dessa masculinidade hegemônica, desse mundo másculo e viril, são discriminados o tempo todo. Uma mulher não pode exercer profissões ditas masculinas, como por exemplo, motorista, pedreira, não pode ter preferência pelas cores azul ou verde, se usar uma roupa que não é “feminina”, já é pré-julgada, discriminada e rotulada por se apossarem de coisas do mundo dos homens, que por sua vez, são apedrejados quando resolvem ser vaidosos, quando realizam atividades domésticas, quando cuidam da casa, da família, dos filhos, se usam uma camisa cor de rosa então? Fim dos tempos! São categorizados por termos de preconceito e identidade sexual.

É necessário que esses padrões e preconceitos sejam desconstruídos, sejam falados, mostrados para o mundo para serem trabalhados e entendidos como algo que diz respeito única e exclusivamente à uma coisa extremamente pessoal e nada melhor do que começar essa desconstrução na infância. A criança reproduz o adulto que faz parte do seu círculo de convivência, o que pode resultar tanto em algo bom, quanto em algo ruim. Se o adulto prega discursos de amor, respeito ao próximo, a criança vai ser educada dessa maneira e reproduzir a fala desses adultos, porém, quando são transmitidos discursos de ódio e intolerância, de preconceito, cultura machista, independente de ser menino ou menina, a criança irá reproduzir também. Os meninos desde pequenos são ensinados a serem opressores, a intimidar o sexo oposto, são ditas a eles, a todo instante, frases como “isso não é coisa de homem”, “meu filho é menino, vai ser pegador quando crescer”, “cresce e vira homem”, “não

pode brincar com esse brinquedo porque ele é de menina”, etc., esses tipos de discursos machistas são reproduzidos antes mesmo da criança aprender a falar. Já as meninas, aprendem a ser submissas, são incutidos os mesmos discursos de desigualdade e totalmente de que a mulher é um ser inferior ao homem, elas têm que ser bem comportadas, “santas”, ter “modos”, são criadas e educadas para serem boas esposas, donas de casa, mães, se vão para festas são sem valor, ou seja, o mundo quer um tipo de mulher “bela, recatada e do lar”, como foi citada pela revista Veja na edição de 19/04/2016, ao se referir à mulher do vice presidente da república, como sendo modelo de mulher ideal. A presente discussão não é o fato de uma mulher ser assim, desde que ela se sinta livre e sinta vontade de realizar os afazeres domésticos se assim desejar, mas que ela seja respeitada e não julgada caso ela não queira, caso ela opte por outro estilo de vida.

As crianças recebem uma educação cheia de padrões e preconceitos que precisam ser desconstruídos e podemos começar a quebrar esses paradigmas, a romper essas barreiras através dos brinquedos e brincadeiras.

Brinquedos e brincadeiras: estabelecendo relações

Desde as origens, os adultos criavam objetos para as crianças se divertirem, esses foram denominados brinquedos. Segundo Echeverria (2012, p.1) “Brinquedos: objeto destinado a divertir uma criança; Brincadeira: ação de brincar, divertimento, festinha entre amigos”.

Não é de hoje que os brinquedos e as brincadeiras são utilizados para classificar e rotular as crianças em gênero. Quando foram criados, já havia especificação de brinquedos pra meninos e meninas.

Desde o ventre, são pré-estabelecidos padrões de gênero para o bebê que ainda nem nasceu. São esperadas atitudes, comportamentos, pensamentos e imaginação de acordo com o sexo. Se for menino são esperadas crianças agressivas, racionais, pequenos líderes, já as meninas, espera-se que demonstrem delicadeza, sensibilidade, beleza, comportamentos de “mocinha”. Ao começarem a ter contato com brinquedos e com brincadeiras, a sociedade e as indústrias do ramo

criam rótulos e impõe para as crianças através de propagandas atrativas, condutas julgadas adequadas para o gênero que irá usufruir daquele brinquedo. Segundo Louro (2003, p. 55):

Se observarmos as propagandas de brinquedos dirigidos às meninas, veremos que elas investem de forma importante na ideia de cultivo a beleza como algo inerente ao feminino, aliado sempre ao supérfluo, ao consumo desenfreado, ou seja, não basta ter apenas a boneca tal, é preciso ter todos os modelos e variações da mesma boneca e seus respectivos acessórios. Outros itens se somam aos brinquedos, tais como produtos de maquiagem, roupas e calçados, perfumes e etc., na tentativa de reafirmar a beleza e a vaidade como algo natural.

As diferenças que são rotuladas como “coisas de menino” e “coisas de menina” são construção de uma sociedade machista e opressora. As crianças não são detentoras de práticas sexistas, essas são presentes no mundo dos adultos, são eles que esperam que meninas hajam de um jeito e meninos de outro, elas são influenciadas pela sociedade em relação a tudo e por seus gostos e preferências por determinados brinquedos.

Ao entrar em uma loja de brinquedos, o(a) atendente logo pergunta: “É pra menina ou menino?” A resposta que deveria vir na cabeça das pessoas seria “É pra criança.” Só que infelizmente a sociedade cresceu e construiu sua cultura baseada no machismo e na prepotência e hegemonia masculina. Quando chega no setor de “brinquedos de menino”, vai de encontro com super-heróis, skate, bola, jogos que desenvolvem o raciocínio lógico, brinquedos que são destinados a construção da identidade um menino forte, independente, capaz de solucionar situações problemas de maneira prática e eficaz. Ao dar de cara com o setor de “brinquedos de menina”, estão expostos utensílios domésticos em geral, maquiagens, bonecas, ou seja, a menina irá aprender a ser uma mulher que só precisa cuidar da casa, dos filhos e ficar bonita, são ensinadas a serem robôs de uma sociedade que oprime e rebaixa a mulher o tempo inteiro. Os meninos não são incentivados e nem ensinados sobre carinho e afetividade, pois os pais e/ou responsáveis pensam que isso afeta seu lado másculo, de acordo com Nolasco (1997, p.18):

Dentro dessa perspectiva, as relações interpessoais masculinas se restringem a encontros sociais em que pouco se fala ou se compartilha de experiências vividas; elas são marcadas por atitudes em que o que está em questão são demonstrações de atitudes de “macho”, os ditos homens de verdade.

A maior preocupação dos pais ao darem brinquedos aos seus filhos não é somente a diversão do mesmo, mas se aquele objeto o tornará aquilo que ele espera que o filho seja. Na sociedade um menino não pode brincar com um brinquedo considerado feminino ou vice-versa, que sua sexualidade já é questionada antes mesmo de a criança saber o que é aquilo ou saber sua orientação sexual, a ideia de brinquedos do sexo oposto está relacionada a todo o tempo com a sexualidade da criança, e isso muito mais por parte dos homens. As crianças não se preocupam se aquele brinquedo é ou não de menina ou menino, elas procuram uma companhia para se divertir e construir seus conceitos através da brincadeira e diversão. Segundo Finco (2005, p.13):

Os meninos e meninas brincam de tudo aquilo que lhes dê prazer: de bola, de boneca, de empinar pipa, de carrinho. Ao brincar com todos os brinquedos que desejam não deixam que idéias, costumes e hábitos, que já faziam parte da educação de meninos e meninas na primeira metade do século XIX, limitem suas formas de conhecer e vivenciar o mundo, determinando o que devem ser, o que devem pensar e que espaços devem ocupar.

Os brinquedos e brincadeiras são rotulados e classificados em determinado gênero, apresentando para as crianças uma hierarquização e uma cultura excludente.

(In)conclusão

Com essa pesquisa foi possível observar que a indústria voltada para o consumo infantil é dicotômica e excludente. Os brinquedos e as brincadeiras têm total influência na construção de gênero, pois eles são criados para segregar.

Cabe aos familiares e aos educadores a quebra desses rótulos, pois vimos na pesquisa que a criança não tem a distinção de que tal brinquedo é para tal sexo, isso é inculcado em suas cabeças através dos pensamentos dos adultos, transbordando preconceito e imaginando que aquilo vá trazer alguma influência na identidade das crianças.

Essa pesquisa não se finda por aqui, ela será mais aprofundada e delimitada para que seja estudado como a boneca Barbie influencia na construção de gênero.

Essa pesquisa é de suma importância para nós, educadores, ela nos mostra como é essencial o debate e a desconstrução constante de padrões de estereótipos causados pelo preconceito e pela estagnação da sociedade.

O interesse pelo tema é grande e o prazer em estudá-lo aumenta a cada leitura e pesquisa, tornando assim possível a continuidade após a graduação.

Referências

SCOTT, Joan. **Gender: A Useful Category of Historical Analyses**. Gender and the Politics of History. New York, Columbia University Press, 1989.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Tradução Sérgio Milliet. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 2v.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma Perspectiva Pós-Estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CALDAS, Dario. **Homens**. Editora SENAC, São Paulo, 1997.

FINCO, Daniela. **Educação Infantil, Gênero e Brincadeiras: das naturalidades às transgressões**. São Paulo, Unicamp, 2005.